

Concepções de tempo e espaço: um estudo sobre 2ª Guerra Mundial com alunos de oitava série

Kerollainy Rosa Schütz¹

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Thaís Cardozo Favarin²

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

thaiscardozo_@hotmail.com

Thiago de Oliveira Aguiar³

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

thiago.rs.sc@hotmail.com

RESUMO:

Os acontecimentos históricos não são feitos por uma só pessoa ou classe, não são isolados em um determinado tempo e não se mantêm estáticos a um determinado espaço. Foram através, principalmente, dessas três referências, tempo, espaço e pessoas, que os/as 34 alunos/as da oitava série do E. E. B Vítor Miguel de Souza participaram de forma dinâmica das aulas-oficina referentes à Segunda Guerra Mundial.

Além de dados convencionais, como datas mais conhecidas e principais líderes da guerra, aspectos culturais – como roupas, desenhos animados do período tanto que antecedeu quanto durante a guerra, filmes, líderes e celebridades atuais – foram debatidos durante o mês de agosto e parte do mês de setembro do ano de 2012.

As atividades percorreram desde construção de cartazes e socialização do material entre grupos, linha do tempo interativa e discussão de rupturas e continuidades da temática com os alunos.

O projeto e o local de trabalho

Este artigo, além de proferir os resultados obtidos, expõe impressões e experiências de três estudantes de graduação da Universidade do Estado de Santa

¹ Acadêmica da 4ª fase do curso de História e bolsista do Programa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES/UDESC.

² Acadêmica da 5ª fase do curso de História e bolsista do Programa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES/UDESC.

³ Acadêmico da 8ª fase do curso de História e bolsista do Programa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES/UDESC.

Catarina (UDESC) acerca do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, financiado pela CAPES, no qual o curso de História da referida instituição tem 18 bolsas para acadêmicos e atua em duas escolas públicas localizadas em Florianópolis. As atividades descritas e analisadas neste artigo compreendem o período de setembro à novembro de 2012, o que corresponde ao terceiro semestre de desenvolvimento do projeto intitulado: *O pensamento histórico de crianças e adolescentes e o ensino de História na Educação Básica II* coordenado pelas professoras doutoras Cristiani Bereta da Silva e Luciana Rossato.

A escrita parte de experiências desenvolvidas no ano de 2012 e posteriormente serão publicadas nos anais do PEH. Com a participação dos alunos de oitava série do E. E. B. Vitor Miguel de Souza, instituição municipal, a qual, já tem experiências com programas de extensão da própria Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), de disciplinas de Práticas Curriculares do curso de História do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) e projetos federais gerenciados pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como o *Um Computador por Aluno* (UCA). A Escola de Educação Básica Vitor Miguel de Souza, fundada em 1991, é uma escola pública que atende principalmente crianças que moram em grande parte no Morro do Quilombo – local caracterizado como área de favela em Florianópolis -, no bairro do Itacorubi.

Durante o processo, o trabalho atendeu uma demanda de 35 alunos, sendo que destes, um necessitava de acompanhamento especial. Além desta peculiaridade, ressalta-se que ao longo do ano letivo, o número de estudantes diminuiu para 34 alunos. A sala possuía uma divisão bem equilibrada na questão de gênero, sendo 17 alunos do sexo masculino e 18 do sexo feminino, equilíbrio que não condizia com as relações de grupo existente em sala de aula, onde boa parte constituía-se pela separação dos gêneros. A idade dos alunos variava entre 14 e 17 anos, sendo que a maioria dos alunos circulava na faixa etária dos 14 e 15 anos de idade. Estes alunos, como colocado na apresentação da escola, residem em sua maioria no Bairro Itacorubi, existindo alguns casos específicos de residentes no Bairro Trindade, bairro vizinho do Itacorubi, e um caso específico de um aluno que mora no Bairro Campeche, localizado no sul da ilha de Santa Catarina.

Além deste panorama da sala de aula, ressalta-se a importância do professor Marcos Francisco da Silva⁴, professor que acompanha o projeto do PIBID desde o início do segundo semestre de 2011. Ele é professor titular da disciplina de história do Colégio Vitor Miguel, um educador que aceitou e ajudou a construir algumas possibilidades de reflexões e abordagens dentro da sala de aula. Como a turma já era conhecida por dois dos três bolsistas, o questionário socioeconômico serviu basicamente para atualizar as informações pessoais dos alunos e seus familiares, e claro, acoplar as informações dos novos alunos. Em alguns aspectos o levantamento obteve poucas modificações, boa parte dos pais continua com a escolaridade variando entre o nível fundamental incompleto e o ensino médio completo. Outra informação relevante é que boa parte dos pais e mães desempenham ofícios que comumente são colocados como serviços subalternos por parte da sociedade, como o serviço de pedreiro, copeira, dona de casa, diarista, segurança, zelador, etc. Sendo assim, frisar para os alunos a importância da continuidade nos estudos não é só uma constante, mas também um forte engajamento no decorrer do PIBID, uma perspectiva que talvez alguns dos pais destes alunos não tiveram como opção, ou se tiveram, apareceu como uma possibilidade secundária com relação ao ingresso no mercado de trabalho de maneira mais acelerada.

Sobre a escolha de conteúdo histórico que foi abordado nesta aula-oficina, seguiu-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de história, no qual aparece a temática 2ª Guerra Mundial e, obviamente deu-se o prosseguimento aos conteúdos que o professor Marcos Silva trabalhou em sala de aula, que no caso era a 1ª Guerra Mundial, a formação da União Soviética e o período entre guerras. Soma-se a estes fatos, o trabalho dos estagiários no semestre passado que teve como tema proposto a 1ª Guerra Mundial, com esta mesma turma de oitava série. Somando então algumas reflexões do semestre passado, os estagiários tiveram a oportunidade de abordar alguns conceitos elementares no campo historiográfico, conceitos que aqui serão articulados de forma que os alunos possam compreender os aspectos que compõem uma narrativa.

O planejamento e o cronograma

⁴Professor formado em História pela UDESC em 1991, graduado, também, em economia pela UFSC, com especialização em história Social pela UNIVALI e mestrado em políticas públicas pela UDESC. Atua na E.E.B Vitor Miguel de Souza desde 2006.

Durante o mês de agosto e parte do mês de setembro foi planejado a aula-oficina⁵ que seria desenvolvida pela tríade de estagiários, a temática como já colocada antecipadamente foi a 2ª Guerra Mundial. Como já existia um cronograma antecipado das atividades do programa PIBID, os alunos decidiram antes do planejamento da aula-oficina aplicar o instrumento investigativo que consistia em três partes: 1) Uma chuva de ideias com a expressão “2ª Guerra Mundial”, solicitando que os alunos relacionassem essas expressões de acordo com suas referências; 2) Com base nos seus conhecimentos adquiridos em pesquisas pela internet, filmes, programas de TV, livros e aulas de história, escreva o que você sabe sobre a 2ª Guerra Mundial e; 3) Caso você fosse professor, como apresentaria o tema 2ª Guerra Mundial para os seus alunos? As duas primeiras questões serviriam como base para saber por onde começar com a temática, já a última e terceira pergunta tinham o intuito de incorporar algumas metodologias da preferência dos alunos, obviamente dentro das possibilidades logísticas e didáticas. A pergunta que acabou sendo analisada foi a primeira, a chuva de ideias. O quadro que se apresentou nas respostas dos alunos, traziam palavras bem genéricas em uma guerra, como *morte* e *armas* e, em um segundo plano *Hitler*, *Nazismo*, *fome* e uma confusão temporal, a palavra *trincheiras*. Este mesmo instrumento investigativo seria aplicado ao final da experiência para realizar um balanço dos erros e acertos do percurso e, obviamente para investigar se houve alguma mudança no quadro de respostas dos alunos. O plano de aula previa o desenvolvimento do projeto em cinco dias de aula no mês de setembro. O objetivo principal da aula-oficina era trabalhar com as noções espaciais e temporais dos alunos, conceitos que estão intrinsecamente ligados à formação e orientação do pensamento histórico. Como coloca o filósofo Estevão C. Rezende Martins, “a constituição refletida e articulada entre os três tempos (passado, presente, futuro) se dá pela formação do pensamento histórico” (ESTEVÃO, 2011, pp.45), ou seja, desenvolver este processo requer a experiência do sujeito e estas experiências se desenvolvem em um plano espacial e temporal, por isso a importância de trabalhar de maneira objetiva estes conceitos no intuito de desenvolver um pensamento histórico, algo fundamental na construção da consciência histórica. A partir do desenvolvimento destes conceitos com os alunos, aí sim seria explorado a temática em si. A ideia central do planejamento consistiu no seguinte questionamento: o que forma ou estrutura uma

⁵A aula-oficina tem como maior objetivo a integração entre professor/a (estagiário/a) e alunos/as e o desenvolvimento de aulas dinâmicas. A partir de uma determinada temática são propostas uma série de atividades que deverão ser fundamentadas através de fontes diversificadas.

história? A resposta que em princípio parece ser um tanto complexa foi respondida com a reflexão de como se constrói histórias infantis. Trechos de escritas como *era uma vez* remete a questão temporal, o quando. *Em um reino muito distante* remete ao lugar em que a história acontece, o terceiro e último ponto que aparece nas histórias infantis ou em qualquer narrativa são os personagens. Em outras palavras, qualquer história constitui-se de tempo, espaço e pessoas. Para começar então os trabalhos da aula-oficina, os alunos teriam de ter uma base espacial de onde a Segunda Guerra aconteceu e, em que momento (tempo) essa história ocorreu.

O roteiro de atividades então ficou organizado da seguinte maneira, em um primeiro momento que seria composto por duas aulas de 45 minutos, os estagiários explicariam o que forma uma narrativa histórica, para em seguida adentrar na atividade referente ao conceito de espaço. Como seria elaborada esta segunda atividade? Cada grupo de alunos receberia uma cartolina, um mapa (iconografia territorial) de um país participante da 2ª Guerra Mundial e um envelope com símbolos referentes a estes mesmos países, como personalidades públicas do passado (inclusive no período da Segunda Guerra) e dos dias atuais, e anteriormente a Segunda Guerra. Monumentos históricos e outros símbolos de cada nação seriam inseridos para enriquecer de informações as pesquisas desenvolvidas pelos próprios alunos. Como cada imagem não continha nenhuma informação escrita, os alunos teriam o UCA como base para pesquisa. O objetivo desta parte da oficina era fazer com que os alunos conhecessem os principais países participantes da 2ª Guerra Mundial, buscando também relacionar este conteúdo com fatos, personalidades e outras questões que fazem parte do mundo destes alunos, algo que torna o estudo mais atrativo não só pela proximidade temporal, mas também espacial devido a quebra de fronteiras implementada pelas novas mídias. Por exemplo, a vodka é uma bebida simbólica da Rússia, a Ferrari é uma conhecida marca italiana, as cerejeiras são árvores simbólicas do Japão, estas informações que podem ser constatadas em diversas mídias, ajudam a enriquecer o estudo sobre os países que participaram da Segunda Grande Guerra, não os colocando como meros adversários separados por um risco no quadro negro. No quadro teórico, este tipo de atividade a possibilidade de efetivamente construir o conhecimento histórico, o que é muito diferente de receber informações. Para tal questão:

(...) a investigação histórica deve estar no centro do currículo de História e ser reconhecida como um

empreendimento sério nas aulas de História, então o principal para o currículo e para o empreendimento deve ser o desenvolvimento dos conceitos de evidência histórica pelos alunos (ASHBY, 2006, pp. 153).

Para a construção da evidência histórica, é necessário que se tenha basicamente as afirmações históricas e as fontes, segundo a teórica Rosalyn Ashby. A partir destas afirmações o indivíduo vai analisar se as fontes podem responder ou reafirmar aquilo que tinha sido dado como uma informação. Neste sentido, pode se dizer que os alunos da oitava série não construíram o conhecimento histórico a partir deste conceito de segunda ordem, pois, apesar de existir uma problemática a cerca das imagens, que era relacioná-las com seus respectivos países, muitas das imagens careciam de uma ligação ou problematização histórica.

Já a segunda parte do roteiro de atividades, que era composto por uma aula de 45 minutos, consistia em trabalhar os aspectos culturais, sociais, econômicos e tecnológicos antes da Segunda Guerra Mundial. Ainda nesta parte do roteiro seria solicitado aos alunos que entrevistassem a pessoa mais velha que conhecessem, para na aula seguinte dar prosseguimento a aula-oficina. A atividade solicitada pelos estagiários iria nortear a terceira parte do roteiro de atividades, que era trabalhar a questão temporal da Segunda Guerra mundial, esta terceira parte seria composta por duas aulas de 45 minutos. A ideia era construir uma linha interativa no quadro negro, onde as entrevistas feitas pelos alunos trariam a idade dos entrevistados. O objetivo aqui era fazer com que os alunos percebessem na prática que a 2ª Guerra Mundial aconteceu em uma conjuntura histórica muito próxima a eles e elas, onde inclusive seus entrevistados já eram nascidos. Este exercício quando foi planejado, tinha a pretensão de amplificar a percepção temporal dos alunos, articulando discussões deste acontecimento histórico com a realidade de pessoas mais próximas aos mesmos.

A quarta parte do roteiro de atividades consistia novamente em trabalhar os aspectos culturais, sociais, econômicos e tecnológicos, só que após a Segunda Guerra Mundial. O objetivo desta parte da aula-oficina era mostrar o impacto que a guerra teve nos mais diversificados setores que fazem parte da vida humana. Aqui o tempo planejado era de uma aula de 45 minutos. Por fim, em um quinto momento seria utilizado dois períodos de 45 minutos para confecção de um material final por parte dos

alunos. Ressalta-se que o material final foi retirado do planejamento, tendo em vista a quantidade de avaliações que poderiam ser feitas durante o desenvolvimento da aula-oficina.

Os recursos materiais foram em boa parte fornecidos pela própria escola e pela Universidade do Estado, sendo assim, os alunos basicamente precisavam trazer o UCA. Os estagiários utilizaram em sala basicamente o quadro negro, data show, caixa de som e os objetos confeccionados para os cartazes. Com este roteiro de atividades em mão, a pretensão então era colocar em prática o que se planejou.

A prática

A construção dos cartazes acabou tomando aulas a mais, o que de alguma forma foi uma experiência positiva, visto que os sete grupos formados demonstraram grande interesse pela pesquisa das imagens e confecções dos cartazes, soma-se também a efetividade dos UCAs. A parte que não fluíu como o planejado foram as apresentações dos cartazes, que ficaram limitadas pelas informações de legenda das imagens e timidez dos alunos. Após o exercício dos cartazes e de trabalhar a questão territorial da Segunda Guerra Mundial, o passo seguinte era articular as questões temporais para dar uma maior significação do fato histórico para os alunos. Para isto, os bolsistas elaboraram uma tarefa onde os mesmos deveriam entrevistar a pessoa mais velha que eles e elas conheciam. Antecipadamente, foi criado um roteiro e os alunos deveriam trazer este mesmo roteiro preenchido. Perguntas como *a data de nascimento? como as pessoas se divertiam? como se vestiam? como se locomoviam?* compunham a primeira do roteiro. Por seguinte, os alunos deveriam construir um texto a partir das informações retiradas dos entrevistados. Apesar do baixo número de alunos (9) que entregaram a tarefa, foi possível construir uma linha do tempo interativa, onde nela existiam celebridades, figuras históricas e estes entrevistados que inclusive viviam na época da Segunda Guerra Mundial. Com a aproximação dos alunos, a pessoas que viveram o período da Segunda Guerra Mundial, o próximo passo foi a parte mais consistente, a aula expositivo-dialogada. A partir deste momento foi organizado três eixos que iriam compor estas aulas: aspectos gerais da Segunda Guerra Mundial, a participação do Brasil na Segunda Guerra e, por fim, a Segunda Guerra em Santa Catarina.

A experiência mais enriquecedora nestas aulas expositivas-dialogadas foram as trocas de informação. O tempo, o espaço e as pessoas, foram pontos fundamentais de

debate. Longe dos muros da academia, mas dentro de um outro lugar do saber, os sentidos e importâncias que se atribuem à noção, ao aprendizado e ao entendimento da história se apresentam como algo desvinculado da vida dos estudantes e principalmente, desvinculados entre si. Mas, afinal, aquilo que une conceitos à realidade dos estudantes são justamente esses três elementos.

Sobre as pessoas, por exemplo, cada um no mundo tem poder sobre uma pessoa, no mínimo: si mesmo. É possível perceber a própria existência. Sobre si mesmo se tem o poder de exercer escolhas – gosto ou não gosto? – pode-se mudar ou manter o corte de cabelo, as roupas, as atitudes. O que se mostra ou se esconde, o que se conta ou deixa de contar, o que se quer lembrar ou esquecer. Temos esse poder de decisão, mudança e permanência.

O mesmo acontece com o espaço. Cada um de nós, inevitavelmente, vive em um espaço que, por sua vez, também é facilmente percebido. Habita-se um continente, um bairro, uma rua, uma casa. Sobre esse lugar determinado é possível, também, exercer escolhas – gosto ou não gosto? – tem-se o poder de mudar de lugar, mudar o lugar, manter o lugar, permanecer no lugar. Possibilidades que, nesse sentido, podem ser encaradas como poderes.

As rupturas e as continuidades históricas, embora não sejam necessariamente (ou, talvez, nesse caso, caiba a palavra nunca) fruto da decisão de uma pessoa apenas, precisa dos seres humanos para ocorrer. São escolhas em contato com outras escolhas que tecem as características do espaço e dos “homens” que tanto se viu modificar nos últimos tempos. Somos todos “homens no tempo”. No livro *Apologia da História*, Marc Bloch escreve que:

A obra de uma sociedade que remodela, segundo suas necessidades o solo em que vive é, todos intuem isso, um fato eminentemente “histórico”. (...) O que se produziu que parecia apelar imperiosamente à intervenção da história? Foi que o ser humano apareceu. Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o

modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. (...) são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça (BLOCH, ano, pp. 53-54)

Quanto ao tempo, a lógica do “poder ou não poder” se mostra mais complexa. Afinal, sobre o tempo não se tem escolha. Gosto ou não gosto? Impossível aplicar essa pergunta ao tempo seja para modificá-lo ou para congelá-lo. Não se tem o mínimo poder sobre sua existência e todos nós, sem exceção, vivemos em um mesmo tempo, por mais que as noites e os dias não sejam vividos simultaneamente por todos, por mais que se estabeleçam diferentes formas de nomeação e de divisão do tempo, horas, dias, semanas, anos; nada disso importa diante do fato de que tudo e todos que vivem e existem, vivem e existem no mesmo tempo. “‘Ciência dos homens’, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: “dos homens no tempo”. O historiador não apenas pensa “humano”. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração.’ (BLOCH, ano, pp. 55)

Considerando a perspectiva de Marc Bloch, talvez a pergunta mais apropriada nesse caso seja, portanto: “percebe-se o tempo ou não?” ou então, “como o tempo é percebido?”.

O que notamos a partir das atividades investigativas feitas com os alunos da 8ª série da “Vitor Miguel” é que essas questões encontram com a sala de aula a todo o momento na fala e na escrita dos alunos como, por exemplo, na pergunta que partiu de uma aluna quando aplicávamos uma dessas atividades: “O filme Gladiador se passa na Segunda Guerra, não é?”

O que levou a menina a fazer essa pergunta e que tipo de memória ela acessou para produzir esse sentido são pontos chave para o entendimento de como nós, professores, podemos usar essa mesma memória para possibilitar que a menina conquiste um conhecimento histórico diverso. Na perspectiva de JornRüsen isso é o que se chamaria de “consciência histórica”.

O discurso sobre a consciência histórica inclui racionalidade nos procedimentos de produção de sentido do espírito humano. Ele está especialmente interessado naqueles modos de representação que dão ao passado a forma distintiva de história. Além disso, ele tematiza o impacto da história nas perspectivas futuras da vida humana. (RUSEN, 2009, pp. 165)

No caso da menina, a memória a levava a crer que a história é dividida entre aquilo que é muito antigo e o que, de alguma forma ela pôde experienciar. Dessa forma, como entendemos que a “História é uma forma elaborada de memória que vai além dos limites de uma vida individual”(RUSEN, 2009 pp.684), nossa pretensão ao trabalhar com as datas de nascimento das pessoas mais idosas que os alunos conheciam foi ampliar a experiência desses alunos de modo que pudessem ampliar também sua percepção de tempo e, por conseguinte, de História.

Outra experiência muito positiva foi mostrar as possibilidades de fonte histórica que os alunos poderiam explorar. Além de documentários e filmes apresentados em sala de aula, como Getúlio Vargas de Silvio Tendler e o hollywoodiano Pearl Harbor, os alunos tiveram grande interesse nos desenhos trabalhados em sala (Precisamos dos nomes dos desenhos), desenhos que no contexto de Segunda Guerra Mundial eram usados como instrumentos políticos pelas diversas correntes ideológicas. O objetivo de assistir e questionar os vídeos desse caráter era buscar compreender mais amplamente um dos inúmeros lados em que uma guerra se incide: na vida de pessoas comuns, no caso dos vídeos, principalmente, das crianças. A trajetória descrita aqui também enfrentou turbulências. Feriados e gincanas escolares implicaram na extensão do tempo inicialmente proposto da aula-oficina, o que prejudicava muito na hora de retomar o conteúdo. Neste sentido o famoso “feedback” antes de cada aula se tornou um excelente aliado dos estagiários. Já os resultados obtidos no instrumento investigativo não desfizeram algumas opiniões senso comum, entretanto, *Alemanha, Campos de Concentração, Nazismo, Hitler, Proibição da língua alemã e Fascismo* ganharam maior corpo dentro do quadro de respostas dos alunos da oitava série, o que de alguma forma da significação a trajetória percorrida nesta aula-oficina.

